

Tempo Presente

tempopresente@grupoatarde.com.br

Terças musicais no Museu Geológico

Fevereiro é mês de belas melodias, com a edição do Projeto Terças Musicais de fevereiro do Museu Geológico da Bahia (MGB), órgão administrado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE).

Na próxima terça de Ogum, dia 18, às 15 horas, o povo está convidado a lotar as dependências do auditório do Museu Geológico da Bahia, ali na Vitória, já chegando na Graça, na mão esquerda de quem saiu do Campo Grande.

Estão confirmadas duas cameratas da Orquestra Sinfônica da Bahia. São elas: Bahia Cordas e Quadro Solar.

O objetivo é o de oferecer à cidadania baiana mais uma opção de acesso à arte mais sublime, por isso, domínio dos fortes.

Também ensinam os diligentes gestores a democratização o acesso à música erudita e popular, ao contribuir para a formação de novas plateias.

O trabalho vem sendo desenvolvido com a proposta de respeitar todos os gostos musicais, apenas acrescentando um gênero para o público degustar.

CAMERATAS— A Bahia Cordas, fundada em março de 2007, vai com Rogério Fernandes e Mário Gonçalves, no violino; Marcos Maciel, na viola; Mauricio Kowalski, no violoncelo e Orley Francisco comanda o contrabaixo.

Já a Quadro Solar tem Mário Gonçalves, no violino; Andréa Bandeira, na flauta e Tatiana Crilov, no violoncelo.

O Projeto Terças Musicais completou no ano passado seus primeiros 10 anos. A iniciativa é uma parceria entre o Museu Geológico da Bahia (MGB), órgão administrado pela SDE, com a Orquestra Sinfônica da Bahia (OSBA).

“Recursos naturais valiosos que podemos oferecer aos nossos parceiros possibilidades que não existiam antes para investir neles... Para nós, isso criará empregos, para empresas americanas, lucros”

VOLODYMIR ZELENSKY, presidente da Ucrânia, em oferta aos EUA por apoio em conflito com a Rússia

FOTO DO DIA



LAPIDAÇÃO | *Alguns de nós resistimos a mudanças que não nos ameaçam. É preciso escolher melhor nossas batalhas, é preciso seguir escutando o outro e aprendendo coisas novas. Esse é o nosso tempo, precisamos seguir nos lapidando.*

O dia mundial do rádio

Kelly Ludkiewicz Alves

Professora da Faculdade de Educação da UFBA, grupo de pesquisa MEHD
kelly@ludkalves.pro.br

No dia 13 de fevereiro, celebra-se o Dia Mundial do Rádio. A data foi instituída em 2011 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como reconhecimento da importância do rádio que desde seu advento há mais de um século, desempenha um papel significativo como meio de entretenimento e informação, transmitindo conteúdos educativos, culturais e científicos. Neste ano, o tema das celebrações é “O Rádio e a Mudança Climática”, evidenciando a atualidade do rádio e seu papel na abordagem de temas candentes para a sociedade.

Como parte das homenagens a esse veí-

culo de educação, cidadania e transformação social, gostaria de falar sobre o engenheiro basco Ricardo Urgoiti (1900-1979) que, assim como o pioneiro brasileiro Edgar Roquette Pinto (1884-1954), vislumbrou na década de 1920, o potencial do rádio como um meio de comunicação ágil, dinâmico e de grande alcance.

Em 1925, Ricardo Urgoiti fundou Unión Rádio, a primeira cadeia de rádio da Espanha que deu origem a Cadena SER, hoje uma das emissoras mais ouvidas do país, cuja programação está totalmente dedi-

O rádio se adaptou às novas tecnologias e permanece como um símbolo de conexão humana

cada ao jornalismo. Seu objetivo era alcançar o rápido desenvolvimento da radiodifusão, tanto nos aspectos técnicos como culturais e artísticos, empenhando-se para que a modernidade estivesse presente em seu projeto de expansão e popularização do rádio. Inicialmente, a programação de Unión Rádio era dedicada à música e aos recitais poéticos e teatrais, mas rapidamente começou a diversificar-se, com uma programação voltada para o público infantil e feminino, além de conteúdos jornalísticos, esporte, meteorologia, entre outros.

Com a eclosão da guerra civil espanhola em 1936, Ricardo Urgoiti foi afastado da direção da rádio e exilou-se na Argentina. Em 1938, esteve no Brasil por uma semana em visita às cidades de São Paulo e Santos. De lá escreveu uma carta contando a seu irmão sobre a visita que fez ao Instituto Butantã, onde presenciou impactado a extração de veneno para a pro-

dução de soros e sobre as maravilhosas paisagens das praias santistas, onde pode ver pescadores recolhendo suas redes de pesca pela manhã.

Para registrar a história desse pioneiro e dos primeiros anos do rádio na Espanha entrevistamos seu sobrinho Nicolás Urgoiti Soriano, como parte dos projetos Memória da Educação na Bahia e História e Memória da Radioeducação, ambos da Faculdade de Educação da UFBA. A entrevista está disponível nas páginas dos projetos [memoriaeducacaobahia.ufba.br].

O Dia Mundial do Rádio é uma data a ser celebrada não apenas pela história e evolução desse meio de comunicação, mas também pelo seu potencial de unir pessoas e compartilhar conhecimentos. Em um mundo cada vez mais digital, o rádio se adaptou às novas tecnologias e permanece como um símbolo de conexão humana que será celebrado por muitos anos.

ESPAÇO DO LEITOR

opinioao@grupoatarde.com.br

Big Techs

Big techs são as gigantescas empresas de tecnologia que detêm o monopólio da internet e redes sociais no mercado ocidental, comandadas por bilionários que só veem lucro. Estão se lixando para a fome, liberdade, clima, democracia. São bilionários negacionistas, usam falsas verdades (fake news) para dominar e enriquecer. Se não forem urgentemente regulados o planeta e a vida estarão com os dias contados, pelo avanço do desastre climático e pela destruição do sistema democrático. Trump, Milei, Bolsonaro são crias desse sistema. Em 2026 apostam derrotar Lula co m mentiras (fake news). Nesse momento, Trump, investe contra o mundo com medidas chocantes é a hora de estabelecer limites para essas big techs no Brasil. **ANTONIO NEGRÃO DE SÁ, NEGRAO-SA1@UOL.COM.BR**

Obras emergenciais

Embora lamentável, por haver vítimas, os danos da igreja de São Francisco, são bem menores do que os causados pelo incêndio em 2019, em Notre-Dame. Mas podem apostar: os gastos para restauro ficarão muito próximos dos da catedral francesa e o prazo para conclusão da obra, muito maior, só São Francisco para saber lá quando. Já foram anunciadas obras emergenciais, prato cheio

para desvio de verbas. Isso já é de praxe. Deixar deteriorar ao máximo para a recuperação ser mais onerosa e os desvios maiores. E vamos gastar a grana dos contribuintes que ninguém protesta mesmo. Os órgãos públicos não fazem manutenção preventiva, nem corretiva. **BENEDITO FERNANDES DE OLIVEIRA, BFO1947@HOTMAIL.COM**

Amor e heroísmo em Canudos Releio, com entusiasmo, o excelente romance “O Silêncio do sino” (136 páginas, Lura Editorial, 2019) do escritor monte-santense Ivan Santtana, obra inspirada no drama das crianças na guerra de Canudos. Sabe-se que o

Estão se lixando para a fome, liberdade, clima, democracia. São bilionários negacionistas, usam falsas verdades (fake news) para dominar e enriquecer

interesse do romance histórico não é propriamente pelo rigor do fato, mas pelas possibilidades de criação e recriação que o fato em si pode oferecer. Poderíamos dizer que o fato histórico é o tronco de madeira que, esculpido, vira obra de arte nas mãos do artista. O romance histórico possibilita ao artista – e somente ao artista – adentrar as entranhas do fato e daí extrair o que o historiador nunca seria capaz de perceber. Isso porque – a exemplo do tronco – o fato possui nuances, sutilezas, possibilidades que somente o espírito intuitivo do romancista é capaz de colher, já que embalado pelo voo da liberdade criativa. Como bem afirmou Otto Maria Carpeaux, o romancista “cria novamente a história”. É o que ocorre com o “Silêncio do sino”. Bentinho, o protagonista da trama, traz à luz (no âmbito da ficção), os pequenos heróis que de fato viveram e combateram (e possivelmente amaram), mas que passaram batido aos olhos do historiador. Ele, Bentinho, é uma parte da história que o poeta achou que faltava para conferir à trama o brilho que ela merece. Uma parte da história que, aliás, não só é contada, como é contada por inteiro, na sua justa medida. Numa saga como a de Canudos, tão grande e tão superior, não poderia faltar um herói de tal quilate. E aqui está ele, tangendo cabras, rezando com o Conselheiro, empunhando o bacamarte,

morrendo de amor por sua Maria Domingas. Bentinho é real, tem a cara e o sotaque dos meninos do sertão. Vive e luta como os meninos do sertão. De tão genuíno, de tão nosso que é, ousa até pensar que Bentinho foi concebido numa bela tarde sertaneja, à sombra do umbuzeiro, ao som dos chocalhos das cabras. Bentinho é nosso e é atual. E aposto que ele, que tanto lutou e amou nos Canudos de ontem, muito iria gostar de lutar e amar nos Canudos de hoje. **JOSÉ GONÇALVES DO NASCIMENTO, MONTEALTOJG@GMAIL.COM**

Prédios

A combinação daquilo que vivenciamos com aquilo que sentimos forma memórias duradouras, então penso em todas as pessoas como eu, que moram dentro destas paredes, nos prédios residenciais ou trabalham em prédios comerciais, não têm qualidade de vida. Elevador, reunião de condomínio e distanciamento da natureza, não existindo um lampião de luz frouxa, pendurado em um prego, sublinhando a escuridão exterior. Ou o vento, mesclando-se ao som monótono de uma cachoeira próxima. Independentemente da hora contemplamos a natureza. Só temos três frases possíveis: "que cheiro ótimo", "a água está ótima"; a felicidade nos deixa bobos. **JOÃO MISAEL TAVARES LANTYER, LANTYER90@GMAIL.COM**